



Representações, Representantes e Referenciais¹²

Marcio D'Olne Campos³

"A proporcional relação, que já por algum tempo vem ocorrendo entre o volume de pesquisa e a profundidade da confusão social, pode significar apenas uma coisa: a função social de toda essa pesquisa é evitar que o povo compreenda as razões de sua vida em sociedade." Marvin Harris⁴

Introdução

O texto que se segue surgiu da fusão entre um plano para discussão em um grupo de estudos e extratos de alguns textos provisórios sobre Representação, tema sobre o qual venho refletindo no momento. Desse modo, peço desculpas ao leitor por estar como que "pensando em voz alta" em busca de reflexão conjunta com você, tanto neste seminário quanto após ele, com o apoio destas notas que espero contribuam para que você me realmente⁵ na elaboração desta reflexão. A partir do dicionário, recolhemos -nos seus sentidos mais usuais- algumas palavras que expressam conceitos discutidos a seguir:

Representação (do lat. *representatione*) significa 1. Ato ou efeito de representar (-se). 2. Exposição escrita de motivos e queixas a quem de direito. 3. Coisa que se representa. 4. Reprodução daquilo que se pensa(...) 9. Filos. Conteúdo concreto apreendido pelos sentidos, pela imaginação, pela memória ou pelo pensamento.

Representador (Do lat. *representatore*) Adj. e s. m. Que, ou aquele que representa; representante.

Representante (Do lat. *representante*) Adj. 2 g, 1. Que representa; representador, representativo. S. 2 g. 2. Pessoa que representa a outra.

Representar (Do lat. *representare*) V. t. d. 1. Ser a imagem ou a reprodução de, 2. tornar presente, patentear, significar. 8. Figurar, aparentar.

¹ Digitalizado por Gustavo Barbosa e Paulo Roberto Vargas Neves.

² Apresentado em 30 de Março de 1993.

³ Departamento de Antropologia, IFCH-UNICAMP.

⁴ Marvin Harris, Vacas, Porcos, Guerras e Bruxas, Os Enigmas da Cultura, p. 11, Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 1978.

⁵ Aldebarã: Observatório a Olho Nu - UNICAMP CP 6165; CEP-13081-Campinas-SP Tel.: 0192 398150, FAX: 394717, Email: dolne@bruc.bitnet.

Neste texto estaremos mais próximos do sentido 9 para representação e do sentido 1. para representante.

O termo representação é bastante freqüente em textos de Ciências Sociais e encontra seus importantes precursores em Emile Durkheim e Marcell Mauss. De suas obras citemos: "Representations Individuelles et Representations Collectives (1898)" (Durkheim; 192:1-8); "Algumas Formas Primitivas de Classificação. Contribuição Para o Estudo das Representações Coletivas (1903)" de Durkheim e Mauss (Mauss, 1981, 399-55) e "Les Representations", capítulo 3 de "Esquisse d'une Theorie Générale da la Magie" (Mauss, 1950, 53-79).

A noção de representação sempre permeia a literatura antropológica e a sociológica; no entanto ela se manifesta sob diversas denominações e abordagens. Exemplos disso são os conceitos de "institucionalização" e "legitimação" em Peter Berger e Thomas Luckman (1983, 69-172) em A Construção Social da Realidade e as Representações do Eu na Vida Cotidiana de Ervin Goffman (1978).

Pelo lado da psicologia social e da psicanálise⁶, vários autores, além de Freud e Lacan, têm abordado esses conceitos (Moscovici, 1978; 1990. Nicolaidis, 1989. Garcia-Roza, 1990; 1991). Neles, encontram-se algumas boas sugestões para a presente discussão, embora, às vezes, de difícil leitura para quem não seja área.

Em educação e enfatizando as "concepções espontâneas" por oposições sistematizadas da ciência instituída, a discussão "Representações e saberes" (seção I, pp 35-7) em A Didática das Ciências de Jean-Pierre Astolfi e Michel Develay (1991) cita importantes referências nossa área.

Representação e Representante na leitura do mundo

Em nossas vivências, percebemos, observamos, e participamos⁷, empreendendo "leituras do mundo"⁸ que guardam imagens, memórias, representações, das quais várias parcelas vão sendo "recicladas" no curso do tempo. Nesse, carregamos -em constante transformação- uma bagagem de conhecimentos em perene construção; sua memória

⁶ Consultar Laplanche e Pontalis; 1979.

⁷ D'olne Campos, 1991. Mimeo.

⁸ Freire e D'olne Campos, 1991.

pode, a qualquer instante, tornar consciente uma parcela da bagagem por um potencial de externalização e de expressão próprio da mesma.

Nos diálogos, a comunicação depende das diferentes percepções que cada interlocutor tem da forma como se expressam as representações simbólicas do outro, ou seja, dos seus representantes. Essa relação depende, não só da percepção que cada um tem do outro, como também do que o outro expressa pelos Representantes de suas Representações, deixando-se mostrar pelo que ele -conscientemente ou não- expõe no diálogo.

Sem deixar de assumir o ser humano como ser social, podemos considerar que, além de certas representações sociais ou coletivas, socializáveis e compartilhadas por determinados grupos sociais, existem aquelas que dependem de vivências que marcaram especificamente o indivíduo de modos distintos em relação ao grupo. Essas são representações individuais.

Aqui mesmo nesse grupo, ao pedir que se exprimam sobre a palavra Petrópolis, mencionou-se "cidade", "estado do Rio" e "monarquia", como representantes que não causaram surpresa ao grupo. No entanto, se eu dissesse "pai e mãe" ou "colégio", essas lembranças soariam estranhas ao grupo, a não ser que soubessem que Petrópolis é minha cidade natal para a qual eu expresse representantes distintos do grupo a partir de minhas representações individuais sobre Petrópolis.

Ainda, para clarearmos alguns pontos, busquemos um outro exemplo: Sejam os indivíduos A, B e C. Se A passa uma procuração para B vender um imóvel a C, C verá B como representante de A, o proprietário do imóvel. No entanto em seu diálogo, o representante B não revela se seu representado A é pelo presidencialismo ou parlamentarismo, se ele tem traumas de infância, filhos e outros tantos dados objetivos ou subjetivos que também poderiam ser representantes de A. Muitos dados de A são também desconhecidos de B que não percebeu em A, além dos representantes explicitados, outros indícios⁹ que poderiam ter sido inconscientemente apresentados por A.

⁹ O conceito de indício é de grande importância para essa discussão e sobretudo para considerações interdisciplinares de relaxamento de fronteiras entre ciências naturais e sociais e da dicotomia evidência/indício que a elas se associa respectivamente. Ver a excelente discussão de Carlo Ginsburg (1989, 13-179) em "Sinais: Raízes de um paradigma indiciário".

Mapas são um bom exemplo de representantes, tanto pelo que informa o seu traçado, quanto pela riqueza de signos e códigos (cores, escalas e projeções e outros recursos) que o cartógrafo achou por bem representar para tornar conhecidas as suas idéias ou representações. Esse caso se distingue do anterior pela ausência de um dos interlocutores, o que deixa o leitor apenas em companhia de seus representantes: os mapas.

Há também situações em que, numa primeira instância de encontro entre duas pessoas e até mesmo antes do diálogo ou por oposição a ele, um dos interlocutores se acha no direito de atribuir ao outro um representante que esse não admita.

A junção de uma piada e um fato que uma vez presenciei entre um casal de criança, é sugestiva para essa situação. A estória/historia ocorreu entre Adriana e Mauro com cerca de quatro anos de idade.

Um dia, duas crianças se viram nuas num banho de cachoeira, e Mauro, após observar atentamente Adriana e especialmente o seu sexo, exclamou: "Puxa!!! Mas essas meninas quebram tudo hem!" Meses mais tarde, Adriana, que nem havia atentado para o que dizia Mauro, chega a sua casa e adentra pelo banheiro onde- Mauro se deliciava num banho de imersão. Nesse momento ele estava, sentado na sua banheira em pose típica de Buda.

Adriana olha atentamente entre as pernas de Mauro e do seu referencial de vivência percebe algo como que boiando entre suas coxas. Por sua vez, ela exclama era tom de alcagüete:

"liii! O Mauro fez; coco no banho!!!!!!"

Diante das representações individuais sobre seus próprios sexos, cada um impôs ao o outro seu próprio representante. Mauro atribuiu a Adriana um representante pela falta do sexo, enquanto Adriana dissocia o pênis do corpo de Mauro para ter nele seu representante. Falta entre os dois a consciência da diferença entre seus sexos!

O conhecimento só poderá se estabelecer através de diálogo que -pela consciência da diferença- permitirá aos dois o re-conhecimento pela diferença, não só entre cada um deles, mas também em outras leituras de situações e contextos sócio-culturais.

No exemplo, vemos que, de duas parcelas de representações individuais, instalado o diálogo entre os dois personagens, se estabeleceu uma representação comum aos dois para a diferença dos sexos. Diremos que essa representação - em nível consciente e no que ela pôde ser compartilhada- 'se coletivizou', 'se socializou' entre os dois por uma espécie de ajuste e consciência de seus representantes mutuamente restituídos. Esse ajuste possibilita reconhecer o outro como diferente e de certo modo

corresponde à tomada de consciência dos referenciais de percepção, dos 'pontos de vista'. Aqui a idéia de referencial pode se associar tanto a sistemas de coordenadas como a aspectos mais subjetivos como referenciais econômicos, socio-culturais e afetivos de percepção do outro.

A esse respeito é interessante notar que na era dos descobrimentos, para que os europeus soubessem se os habitantes do "Novo Mundo" eram seres humanos, bastava saber se acreditavam em Deus. Por outro lado, para que os nativos -espantados pela "brancura" dos invasores- acreditassem que esses eram seres humanos e não deuses, afogavam alguns para investigar se a carne entraria ou não em estado de putrefação. O caso negativo indicaria serem deuses¹⁰.

Essas representações sociais, das quais um grupo que compartilha algumas características próprias tem consciência, são as mais freqüentes na sistematização do conhecimento -função da escola- nos processos educacionais formais. É, no entanto, necessário que se assumam as representações e os representantes individuais para que, tendo consciência deles, possamos saber o que é ou não compartilhável no interior do grupo social ou cultural como, por exemplo, a classe escolar. Caso contrário, a educação de normas, de "normas cultas" padronizadas por um certo segmento da sociedade que recusa outros saberes e "outras palavras". Nesse caso o ensino se estabelece por transmissão e não por construção do conhecimento; por uma "educação bancária" e não "dialógica"¹¹.

Na construção de conhecimento é importante que cada indivíduo esteja consciente de que existem aspectos próprios da identidade do grupo, assim como aspectos próprios da identidade do indivíduo constituintes dos dois tipos de representações simbólicas. Isso impõe a identificação e o reconhecimento das individualidades no processo de socialização. Permeando essa discussão, parece interessante pensarmos nos aspectos que possibilitam a identificação, tanto nas determinações mais técnicas quanto nas do encontro pelos símbolos¹².

¹⁰ Há excelentes discussões que sugerem uma reflexão sobre uma idéia generalizada de referencial –para ser mais redundante- no seu relativismo de objetividade e subjetividade. Ver por exemplo Mazzoleni(1992); Lévi-Strauss (1989, 328-366) em "Raça e História".

¹¹ É instrutiva e instigante a discussão de Paulo Freire (1970) a esse respeito na Pedagogia do Oprimido.

¹² Em complemento, vale lembrar que existe uma idéia grega de que símbolo se associa a um objeto que no momento em que duas pessoas vão se separar por muito tempo, é repartido entre elas para que ao se encontrarem, possam se reconhecer pela junção das duas partes.

Alguns Exemplos e Seus Problemas na Educação¹³

A História e a Geografia ensinadas de forma mais tradicional se prestam a muitas confusões nos conceitos de espaço, lugar, tempo, períodos e épocas.

Esse estado de coisas imprime um caráter apenas informativo, livresco e descontextualizado à Educação nos países periféricos quando submetida a referências e referenciais dos países centrais. No material didático encontramos globos e mapas com o norte para cima, p que induz as pessoas a pensar ou dizer que "sobem" quando viajam para o norte.

Com respeito aos pontos cardeais, as regras práticas aqui ensinadas são apenas práticas para o hemisfério norte, cujos seus habitantes, além de também se ORIENTarem pelo Sol nascente, ao contrário de nós, lá se NORTEIAM pela estrela Poláris, como, por exemplo, em Portugal que se situa ao norte do trópico de Câncer. Nortear é uma palavra constante dos dicionários brasileiros e Portugueses da língua portuguesa. No hemisfério sul a noite, o encontro da direção sul pelo Cruzeiro do Sul se enquadraria apenas na idéia de "SULear-se", palavra que não consta de nossos dicionários brasileiros.

A imposição dessas convenções em nosso hemisfério estabelece confusões entre os conceitos de em cima/embaixo, de norte/sul e especialmente de principal/secundário e superior/inferior. Isso sugere uma reflexão sobre como referenciais espaciais podem tomar o papel de referenciais ideológicos, camuflando ou fomentando relações de dominação.

Sabemos que, em nossas escolas, continua a ser ensinada a regra prática do norte pela qual, ao apontarmos a mão direita para o lado do nascente (lado leste), se tem a esquerda o oeste, na frente olhamos para o norte e atrás (nas costas) não é visto o lado sul. Com essa pseudo-regra prática, dispomos de um esquema corporal que, a noite, nos deixa de costas para o Cruzeiro do Sul, a constelação fundamental para o ato de 'SULear-se' (D'Olne Campos;1991).

¹³ Alguns aspectos dessa discussão aparecem mais detalhadamente como proposta de exercícios em D'Olne Campos; 1991 (mimeo).

Se estendêssemos a mão esquerda para o lado do oriente poderíamos atender ao requisito de respeito a lateralidade tão falada em alfabetização da palavra, mas desprezada para a alfabetização sobre o mundo.

Com isso construiríamos uma representação, por via de representante ou esquema corporal; que olha para o sul, sendo portanto adequada ao nosso contexto local de relações céu-Terra, ou seja, ao hemisfério onde não enxergamos a Estrela Polar, que estará sempre abaixo do horizonte.

Com relação História a dicotomia historia/pré-história define-se a partir do ponto de vista do colonizador nos países centrais. Por que a pré-história brasileira se define pelo período anterior a DES-COBERTA, já que nada estava quando os nativos já habitavam essas terras?

Como vemos, com o pólo norte para cima, o conhecimento "escorre", e nós com freqüência, o engolimos sem conferir com o contexto local.

O caso das representações do sistema solar, e mais especialmente do sub-sistema mais familiar Sol-Terra-Lua, é exemplar quanto aos conceitos de representante e referencial.

Em tudo que se observa é importante e fundamental, para o caráter rigoroso e/ou científico da observação, especificar o ponto de vista ou o referencial de onde se percebe o observável observado.

Nesse sentido, quando deparamos com o sistema Terra-Sol como é geralmente representado nos livros didáticos, “vemos” a Terra numa das posições de sua trajetória em torno do Sol no sistema heliocêntrico (Sol no centro). Essa trajetória é desenhada como uma elipse sem que em geral se represente o plano no qual tudo isso se apresenta. Esse plano daria uma noção de perspectiva para que se tenha a impressão de que -se a orbita for uma elipse- então, na representação que nada mais é do que uma perspectiva, a elipse estará muito mais alongada (mais elíptica) do que o é na realidade. De fato, essa elipse é pouquíssimo elíptica, ela se aproxima muito mais de um círculo (excentricidade= 0,01), ao contrário do que sugerem os desenhos, representantes do modelo heliocêntrico nos livros.

O problema maior reside no fato de que não se dá atenção ao referencial e à questão de onde esta o observador que "vê" aquele desenho do sistema.

Raras são as pessoas que deixam de se enganar muitas vezes, dizendo até que o sistema é "visto" do centro do Sol. Na educação tradicional, muitas vezes se impõe um "ato de fé" para a crença num "referencial absoluto da religião heliocêntrica". Mais tarde a inconsistência e a contradição continuam: dizem que Einstein foi um gênio que elaborou a "Teoria da Relatividade" sem, no entanto, dar a informação completa, mencionando que a teoria é da relatividade dos referenciais.

O referencial ou o ponto de vista é relativo e depende de como se quer calcular ou trabalhar com o sistema. Ele é muitas vezes escolhido por razões de simetria apenas para os cálculos. Isso nem sempre facilita a compreensão da percepção do fenômeno a partir de onde sempre estamos: de pé no chão e centrados no referencial do nosso lugar, o topocêntrico.

Todo astrônomo -entes iguais aos comuns mortais- sempre começa por observar o céu de seu lugar com os pés no chão de seu horizonte local. O resto é calculado para onde se queira. Esses casos incluem os pontos de vista (imaginados) geocêntrico, heliocêntrico, galáctico (centro na galáxia ou Via Láctea) e outros. As órbitas, tais como representadas elipticamente nos livros didáticos, são "vistas" de algum ponto distante do sistema solar, fora do plano que o contém numa direção inclinada em relação a esse plano. Nesse caso a órbita seria percebida como uma elipse. Nessa posição ninguém até hoje esteve, nem astronautas, do planeta terra pelo menos.

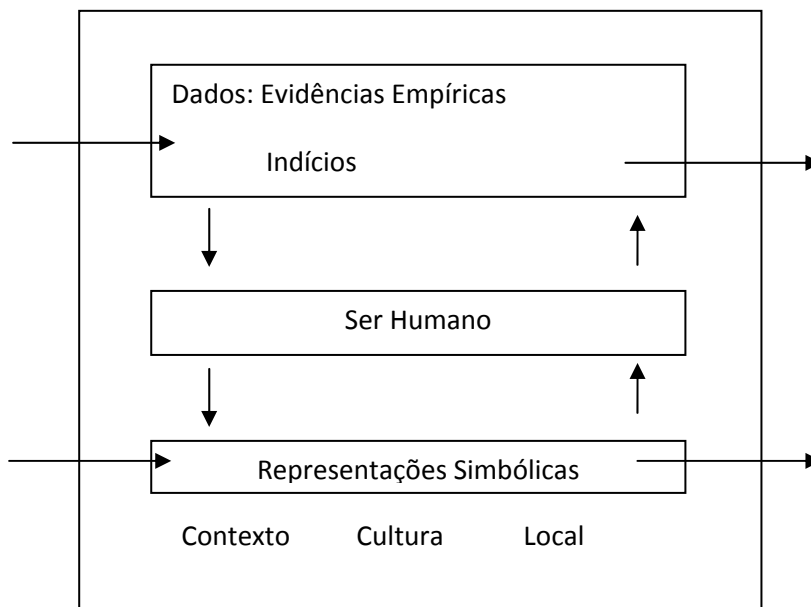
Leitura do Mundo e Contexto Cultural

Sabemos que, nos processos de alfabetização, a criança e por mais forte razão o adulto, antes de proceder a leitura e escrita da palavra, já esteve e continua lendo o mundo seu cotidiano através de signos, símbolos e imagens nele presentes. Populações ágrafas também "inscrevem" seus "textos" no mundo através de seus ornamentos, utensílios e cerimoniais, estabelecendo com estes uma valiosa e eficiente forma de comunicação.

Além da escrita e da fala convencionais, muitas são as formas de linguagens como, por exemplo, a matemática (numérica e geométrica), a corporal (gestual e expressiva fisionômica) e a artística.

As leituras do mundo podem, portanto, ocorrer por várias formas e representações coletivas e individuais. Em geral, as leituras se revelam através de evidências empíricas (fatos e fenômenos mais imediatamente percebidos pelos nossos sentidos) ou de indícios, dados mais construídos com que, por exemplo, trabalham os detetives e os médicos ao fazerem diagnósticos. Um exemplo de indício é o fenômeno 'barriga roncando', que pode sugerir fome ao observador. A esse conjunto de evidências empíricas e de indícios chamaremos simplesmente dados.

Dados são lidos e interpretados pelo Ser Humano que, auxiliado por suas leituras do mundo e educação prévias, lê novos dados e reconstitui suas representações simbólicas. As dinâmicas de relações que se processam entre os dados, o ser humano e as representações simbólicas, caracterizam um determinado contexto local de cultura. Nesse sistema aberto local, em constante interação com contextos sócio-culturais externos, entram e saem “fluxos” de dados e representações simbólicas que representam os processos de comunicação com outros sistemas, com outros grupos sociais. Um exemplo de entrada de representação simbólica é o NORTEamento no hemisfério sul.



Representações, representantes e símbolos são vários, dependendo do referencial sócio-econômico e cultural de cada um, de cada grupo social ou nação. Só os aceitaremos conscientemente, se soubermos verificar se eles são adequados aos dados locais. Para isso, o Ser Humano é o mediador responsável nesse processo cuja visão sistêmica é premissa para a consciência da situação histórica e, conseqüente emancipação sócio-cultural e econômica de uma dada população.

Referências

- [1] ASTOLFI, J.; DEVELAY, M. **A didática das Ciências**, Papirus, Campinas, 1991.
- [2] BERGUER, P.; LUCKMAN, T. **A Construção Social da Realidade**, Vozes, Petrópolis, 1983.
- [3] D'OLNE CAMPOS, M. "A arte de sulear-se", pp 59-61, 79-8, in *Interação museu-Comunidade pela Educação Ambiental* (mimeo), Teresa Schiner (coord) TACNET Cultural/UNI-RIO, Rio de Janeiro, 1991.
- [4] DURKHEIM, E. **Sociologie et Philosophie**, Paris, Librairie Félix Alcanm 192. (existe edição brasileira)
- [5] FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário da Língua Portuguesa**, Nova Fronteira, Rio de Janeiro, 1975.
- [6] FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**, *Paz e Terra*, Rio de Janeiro, 1970.
- [7] FREIRE, P.; D'OLNE CAMPOS, M. "Leitura da Palavra... Leitura do Mundo", o *Correio da UNESCO*, pp -9, 19, 2, fevereiro, 1991.
- [8] GARCIA-ROZA, L. A. **O Mal Radical em Freud**, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1990.
- [9] GARCIA-ROZA L. A. **Introdução a Metapsicologia Freudiana**, Jorge Zahar, Rio de Janeiro, 1991.
- [10] GINZBURG, C. **Mitos, Emblemas e Sinais, Morfologia e História**, Companhia das Letras, São Paulo, 1989.
- [11] GOFFMAN, E. **The Presentations of the Self in Everyday Life**, Penguin, New York, 1978. (existe edição brasileira).
- [12] LAPLANCHE, J.; PONTALIS, J. B. **Vocabulário de Psicanálise**, Martins Fontes, Santos, 1979.
- [13] LEVI-STRAUSS, C. **Antropologia Estrutural Dois**, Tempo Brasileiro, Rio de Janeiro, 1989.
- [14] MAUSS, M. **Sociologie et Anthropologie**, Quadrige/PUF, Paris, 1950. (existe edição brasileira).
- [15] MAUSS, M. **Ensaio de Sociologia, Perspectiva**, São Paulo, 1981.
- [16] MAZZOLENI, G. **O Planeta Cultural, Para Uma Antropologia Histórica**, EDUSP, São Paulo, 1990.
- [17] MOSCOVICI, S. **A Representação Social da Psicanálise**, Zahar, Rio de Janeiro, 1978
- [18] MOSCOVICI S. **A Máquina de Fazer Deuses**, Imago, Rio de Janeiro, 1990.
- [19] NICOLAIDIS, N. **A Representação, Ensaio Psicanalítico**, Escuta, São Paulo, 1989.

[20] O'GORMAN, E. **A Invenção da América**, UNESP, São Paulo, 1992.

[21] TODOROV, T. **A Conquista da América, A Questão do Outro**, Martins Fontes, São Paulo, 1988.